
SOBERANIA E UMA LAVOURA PROFANA: REFLEXÕES SOBRE A BIOPOLÍTICA NA PROSA DE RADUAN NASSAR

Elijames Moraes dos Santos¹

Resumo: Por considerar que a narrativa do romance *Lavoura Arcaica* é sedimentada num contexto patriarcal, proveniente de uma cultura mediterrânea (judaico-cristã), o presente estudo objetiva refletir sobre os desdobramentos da norma que mobiliza os confrontos da comunidade familiar. Desse modo poderemos visualizar as duas partes que divergem em suas posturas: a do soberano (figura do pai) que tenta normatizar os membros do corpo por meio de um estado de exceção, e a do filho pródigo (André) que profana o espaço da lavoura, semeando a desunião dos laços da família, o que culmina com a tragédia. Assim, os fundamentos do nosso estudo partem das leituras de Esposito (2011); Agamben (2007; 2014) e Foucault (1988; 2006).

Palavras-chave: Lavoura Arcaica; Comunidade familiar; Profanação; Soberania.

SOVEREIGNTY AND A PROFAN WASTE: REFLECTIONS ON BIOPOLITICS IN RADUAN NASSAR'S PROSE

Abstract: Considering that the narrative of the *Ancient tillage* novel is sedimented in a patriarchal context, derived from a Mediterranean (Judeo-Christian) culture, the present study aims to reflect on the unfolding of the norm that mobilizes the confrontations of the family community. In this way we can visualize the two parts that differ in their positions: that of the sovereign (figure of the father) who tries to normalize the limbs of the body by means of a state of exception, and that of the prodigal son (André) who desecrates the space of the crop sowing the disunity of family ties, which culminates in tragedy. Thus, the fundamentals of our study start from the readings of Esposito (2011); Agamben (2007; 2014) and Foucault (1988; 2006).

Keywords: *Ancient tillage*; Family community; Desecration; Sovereignty.

¹ Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. E-mail: elijamescpapel@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Fundado por um lirismo ritmado, o romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, apresenta uma linguagem poética articulada nas duas partes: A partida e O retorno, que dá lugar aos conflitos familiares e encena as relações de poder em um ambiente demarcado por estruturas fechadas. A primeira parte do romance é pontuada pela saída de André do convívio na fazenda, assim os capítulos se alternam entre o quarto de pensão, onde Pedro e o irmão se encontram, e aqueles em que o narrador-personagem rememora os acontecimentos da infância na lavoura com os irmãos e irmãs. O romance apresenta uma sequência de movimentos através das lembranças de André, entre as quais surgem os confrontos com a tradição, o patriarcalismo, os embates do sentimento turbulento que André nutre por Ana, sua irmã. Foi este sentimento que motivou a partida do filho arredio, configurando no texto de Nassar uma paródia do filho pródigo.

A família, no romance de Nassar, está no centro dos acontecimentos e simboliza uma instituição em cuja estrutura o pai, Iohána, assume uma postura patriarcal herdada de seus ancestrais. É a consciência dessa origem que representa a conservação da identidade, de uma cultura alicerçada em duas doutrinas religiosas: a mulçumana e a cristã. Nesse sentido, o pai é o enunciador dos valores de seus ancestrais e por meio deles tenta conduzir os filhos e filhas sob os rigores da tradição arcaica/mediterrânea, o que divide a casa. Usando aqui a metáfora da árvore para se referir a ela, durante a narrativa André destaca dois galhos do tronco: do lado direito, estão os que representam “um desenvolvimento espontâneo”, ligados ao pai, e, do lado esquerdo, o galho podre que vive à sombra da mãe, “trazia o estigma de uma cicatriz” (NASSAR, 2009, p. 154).

À direita do pai estava Pedro, quem daria continuidade à nova geração iniciada pelo avô cuja memória estava sempre presente na família. Logo, à esquerda, iniciando pela mãe, como se esta “fosse um protuberância mórbida”, estavam André, Ana e Lula, os mais novos, “um enxerto junto ao tronco, talvez funesto” (NASSAR, 2009, p. 154). São estes que carregam a desordem, a obscuridade, o profano, o interdito, os que transgridem a doutrina do pai.

Considerando esses aspectos, o pai, Iohána, é a figura soberana, realçada sobre os membros da família: esposa, filhos e filhas, e com sua autoridade dá continuidade a uma nova geração que é legitimada pelo filho mais velho, Pedro. Diante disso, questionamos: quais os desdobramentos dessa postura soberana e como a profanação é encenada durante a narrativa do *Lavoura Arcaica*?

A partir dessa questão, delineamos alguns objetivos, a saber: analisar os desdobramentos da norma e da doutrina patriarcal em *Lavoura Arcaica* e refletir / discutir sobre os aspectos que fazem de o *Lavoura Arcaica* uma narrativa profana. Diante desses objetivos, acreditamos que será possível desenvolver uma discussão em torno do modelo que regula a estrutura fechada evidenciada no romance e que faz da norma uma exceção, despertando entre os membros da família comportamentos distintos, seja de submissão ou profanação.

Durante a narrativa, duas vezes ganham destaque, a de Iohána, o pai, e a de André, o filho pródigo. Tanto um quanto outro expressam atitudes extremas, o que atribui à trama uma dimensão conflituosa e, como no decorrer da narrativa, segue-se o fluxo de memória

de André, mesmo que intercalado pelos diálogos com Pedro e Iohána. É esse fluxo que nos conduz a acompanhar as lembranças e tomar conhecimento dos fatos, até então incógnitos, apresentados a Pedro e Iohána em tempos diferentes e que motivaram a revolta de André contra a palavra e normas paternas.

Assim como a de André, a voz do pai envolve o discurso da narrativa quase até o final, ecoando paralelamente com a do narrador-personagem, que conduz os acontecimentos e por vezes assume uma posição de fala ao confessar suas angústias, ou a expressar-se com fúria durante seus relatos. Assemelhando-se ao filho arredio, Iohána é uma personagem basilar na trama, possui atitudes extremas, que, no decorrer da narrativa, confronta-se com André numa esfera paradoxal, ao passo que instaura no percurso do romance uma tensão que move um sentimento antagônico entre o arcaico (tradição) e o novo (liberdade). Demarcando nas duas gerações um embate ferrenho, constituído por duas alteridades.

Desse modo, para subsidiar nossa pesquisa, tentaremos dialogar com os conceitos de Giorgio Agamben (2004; 2007; 2010) no que se refere à soberania, estado de exceção e profanação. Articulando a este, trabalharemos a categoria conceitual *Communitas* delineada por Roberto Esposito (2011;2012) para desenvolvermos o estudo a respeito das relações da comunidade familiar, termo recorrente no romance em análise. De certo, essa esteira parte dos estudos de biopolítica iniciados por Michael Foucault (1979; 2001), do qual extraímos o entendimento de dispositivo e relações de poder. Portanto, nosso estudo está dividido em duas partes que entrecortam o contexto literário de o *Lavoura Arcaica*: a primeira, após esta introdução, trata do entendimento de comunidade conforme o paradigma *Communitas*, aludindo os pontos de coesão estabelecido de acordo com o Esposito (2012), a esta articulamos os aspectos de profanação, definido por Agamben (2007); a segunda parte, explora a temática da soberania (Agamben, 2014), que instaura o estado de exceção na comunidade patriarcal. Após essas discussões seguimos com as considerações finais das análises.

2 COMUNIDADE PROFANA

A trama do romance *Lavoura Arcaica* é motivada por uma ruptura dos laços familiares que ocorre, logo no primeiro capítulo, com a partida de André ao transpor os limites da fazenda edificada com valores patriarcais. Esses princípios herdados pelo pai, Iohána, são repassados à família durante os sermões, os quais confirmam as doutrinas religiosas motivando os conflitos desta comunidade que se encerra nos limites da lavoura. Comunidade esta que pode ser interpretada segundo o paradigma *Communitas* definido por Esposito (2012, p.128), como um lugar que equivale “[...] à multiplicação da subjetividade por um número indeterminado de indivíduos, e o indivíduo constituiria um fragmento da comunidade que só espera estabelecer uma relação com os demais para ser plenamente realizada”.

Na intenção de manterem integrados os membros da comunidade, Iohána conduz os filhos e filhas segundo os dogmas da religião de seus ancestrais, desse modo os sermões empreendem o ponto de vista sobre o ciclo que deveriam seguir: “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo” (Nassar, 2009, p.181). Essa mensagem constitui o caráter delimitador da tradição familiar, e reforçam questões que fazem do *Lavoura Arcaica*, o primeiro grande livro sobre a imigra-

ção libanesa no Brasil”, destaca Perrone-Moisés (1996, p. 69). Assim, como mantenedor de uma cultura mediterrânea, o pai procura conduzir os princípios considerados sagrados nesta comunidade, na qual sustenta uma mascarada ordem, formada em um ambiente fechado e autossuficiente em relação ao ambiente exterior.

A partir desses aspectos (imanescentes) do texto literário, observamos uma relação incindível: Vida e Direito. Nesse sentido, consideramos a postura do pai diante da comunidade, no exercício do poder patriarcal, de modo que seus ensinamentos têm como centro o controle dos membros da família, o que instaura “la relación entre política y vida”, que, segundo Esposito (2011, p. 90), “[...] pasa por el problema del orden y de las categorías histórico-conceptuales - soberanía, propiedad, libertad, poder [...]”². No *Lavoura Arcaica*, a autoridade é aplicada aos membros da casa pelo pai sempre a idealizar a comunhão dos membros e o cumprimento das leis sagradas. A esta comunidade agrega-se a complexidade semântica do termo *munus* - expressão latina, que representa o tributo que precisa ser pago pelos indivíduos da comunidade, ou ainda, o cumprimento dos dogmas impostos pelo soberano (ESPOSITO, 2011). Vejamos esta passagem do romance:

humilde, o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza; só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência, é se entregando a ela que cada um há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um há de fruir as mais sublimes recompensas; nossa lei não é retrair mas ir ao encontro, não é separar mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também... (Da mesa dos sermões.) (Nassar 2009, p.146).

Desse modo, seguir os princípios pregados nos sermões do pai é uma forma de abdicar das vaidades externas da fazenda. De sorte, as palavras de Iohána trazem a força da lei dos seus ancestrais: “nossa lei não é retrair mas ir ao encontro” (NASSAR, 2009, p. 146), reiterando que as idealizações da comunidade devem estar articuladas aos sermões e aos princípios sagrados difundidos de geração a geração segundo a tradição patriarcal, conforme pontua Sarmiento (2010):

proveniente e símbolo de uma cultura arcaica, mediterrânea, libanesa, com fortes valores judaico-cristãos, insiste em conservar essa cultura, à qual agarra-se acirradamente, como num ritual de comunhão e imutabilidade [...] calcada na ancestralidade instaura uma forma cíclica, num eterno devir (SARMENTO, 2010, p. 151-152).

No cumprimento desses valores o homem poderia fazer parte de uma unidade maior e aumentar sua existência (NASSAR, 2009). De acordo com as palavras de Iohána, a humil-

² “a relação entre política e vida [...] passa por um problema de ordem das categorias histórico-conceituais: soberania, propriedades, liberdade, poder [...]” (Todas as passagens traduzidas para o português são livres e foram feitas a partir do original em questão)

dade consistiria no abandono das individualidades como forma de cumprimento da norma para que todos pudessem fazer parte da comunidade familiar, cumprindo assim o *numus* que contribuiria para a coesão do grupo. Assim, a sujeição à norma seria uma medida para a conservação da vida na comunidade. Nesse sentido, Esposito (2011) usa a metáfora do organismo biológico em cujo centro cruzam os saberes político e médico, constituindo um problema comum de saber com o corpo, ou seja, um elemento anômalo. Portanto, precisamos entender como a comunidade em estudo fundada no romance de Raduan Nassar cria mecanismos para combater esse elemento subversivo. Desse modo, a imunização seria uma forma de estabelecer a coesão da comunidade. Outrossim, a tese do paradigma *Inmunitas*, definido por Esposito (2011), destaca a relação “bios e nomos”, esclarecendo que

En el paradigma inmunitario, [...], vida y política, resultan los dos constituyentes de una unidad inescindible que sólo adquiere sentido sobre la base de su relación. La inmunidad no es únicamente la relación que vincula la vida con el poder, sino el poder de conservación de la vida. Desde este punto de vista, contrariamente a lo presupuesto en el concepto de biopolítica – entendido como resultado del encuentro que en cierto momento se produce entre ambos componentes –, no existe un poder exterior a la vida, así como la vida nunca se produce fuera de su relación con el poder. [...] (ESPOSITO, 2011, p. 73-74)³.

Diante disso, compreendemos que, embora, as categorias *Communitas e Inmunitas*, apresentem-se como uma continuidade dos estudos sobre biopolítica, o propósito deste estudo não é seguir os princípios foucaultianos. Ao contrário, pois Esposito acredita que os conceitos empreendidos pelo filósofo francês não conseguem resolver o problema de natureza contraditória que envolve os princípios biopolítico e de soberania. Assim, a discussão estabelecida por Esposito (2012) originou-se na filosofia clássica delineada nos séculos XVII e XVIII por Hobbes e Rousseau, em cujo panorama filosófico o Estado surge juntamente com o Direito, tendo em vista a realização de um contrato (social) entendido como uma espécie de medida protetiva do povo.

Assim, depois do projeto de Giorgio Agamben (2014), o *Homo-Sacer: poder soberano e vida nua*, o de Esposito é, segundo Marcos Nalli (2013, p.78), o que mais “tem se destacado por fornecer uma das leituras mais instigantes da biopolítica a partir da senda aberta por Foucault [...]”. Diante da incerteza epistemológica identificada no projeto do filósofo francês, Esposito vai resolver essas questões de maneira diferente de Agamben (2010) no que se refere os aspectos incluído / excluído, e recorre aos paradigmas imunitário e comunitário. Embora os estudos de Esposito estejam na contramão dos de Agamben, o ponto de encontro entre os dois está no objeto anômalo, ou seja, um elemento que fere a norma e que precisa ser expurgado do corpo da comunidade para que a vida do grupo não seja comprometida.

3 No paradigma imunitário, [...], vida e política resultam os dois constituintes de um único, incindível, conjunto que ganha sentido sobretudo a partir de sua relação. A imunidade não é só a relação que conecta a vida ao poder, mas o poder de conservação da vida. Contrário ao pressuposto no conceito de biopolítica – como o resultado do encontro que em certo momento se determina entre os dois componentes –, deste ponto de vista não existe um poder externo à vida, assim como a vida não se dá mais fora das relações de poder.[...] (Idem);

Em *Lavoura Arcaica*, André é a representação do elemento anômalo, é quem contraria os dogmas estabelecidos na comunidade, ou seja, não cumpre o *numus*.

Sua partida provoca um desequilíbrio na casa, e na tentativa de recuperar a aparente harmonia da família, é Pedro, o irmão mais velho, quem vai a procura do irmão tresmalhado e o encontra num quarto de uma velha pensão interiorana, onde confessa seus anseios e compartilha os motivos pelos quais deixou a comunidade:

[...] quando meu irmão chegou para me levar de volta; [...] minha cabeça rolava entorpecida [...] deitei uma das faces contra o chão, mas meus olhos pouco apreenderam, sequer perderam a imobilidade ante o vôo fugaz dos cílios; [...] era meu irmão mais velho que estava na porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um espaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, [...] e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo, e eu vi de repente seus olhos se molharem, e foi então que ele me abraçou e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira; (NASSAR, 2009, p. 8-9).

A presença de Pedro figura uma imagem ambígua, pois, embora se mostre afetuoso ele assume a função de sucessor do pai, e naquele instante precisa cumprir a missão que lhe foi designada. Este encontro reacende os sentimentos turbulentos do protagonista e traz à tona as lembranças do convívio com a família na infância. Assim, por meio das digressões do protagonista, tomamos conhecimento dos motivos da partida, entre os quais estão o convívio com a doutrina paterna, o excesso da carga de afeto da mãe, e principalmente a paixão que nutre pela irmã, Ana. André é a representação da liberdade o que contraria a ordem da casa, rompendo os padrões na busca dos prazeres mundanos, fazendo da narrativa do romance uma paródia da parábola bíblica do filho pródigo. Assim, afasta-se da comunidade, invertendo os valores destacados nas palavras do pai, Como se vê: “[...] o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família, mas que ama a nossa casa, e ama esta terra, e ama também o trabalho, ao contrário do que se pensa; [...]” (NASSAR, 2009, p.118-119). Essa intenção paródica presente na literatura em estudo, explícita, segundo Agamben (2007, p. 42), “uma inversão audaz do que está em jogo [...] a partir da esfera prestigiosa do sagrado, reconduzida bruscamente para a profana estrumeira.[...]”.

Essas relações podem ser observadas desde o início da narrativa, no momento em que é instaurada uma tensão na própria estrutura da linguagem evocada no romance, que se constitui como prosa poética. Um desenvolvimento paródico no qual soam os discursos angustiados de André, um jorro inesgotável de sofrimento em que se confrontam o sagrado e o profano,

[...] cavando nossos corpos de um apetite mórbido e funesto; [...] me recolhi na casa velha da fazenda, fiz dela o meu refúgio, [...] tranquei ali, entre as páginas de um missal, minha libido mais escura; [...] incidindo em cada canto meu tormento sacro e profano, ia enchendo os cômodos em abandono com minhas preces,

iluminando com meu fogo e minha fé as sombras esotéricas que fizeram a fama assustada da casa velha; [...] (NASSAR, 2009, p. 91).

As evocações da infância na fazenda da família, reconstituem uma trajetória paradoxal. O protagonista mostra-se incapaz de partilhar do jogo dissimulado da aparente fé que o pai e o irmão Pedro compartilham, e é pregada aos membros da família. De modo que, continuamente, André empenha-se no papel de transgressor dos dogmas instituídos na comunidade patriarcal, formada por estruturas fechadas “no edifício erguido sobre colunas atmosféricas escorridas de resinas esquisitas” (NASSAR, 2009, p. 142), cuja ordem sustentam os tabus num fluxo que envolvem os rituais do sagrado. Contudo, a busca por um espaço de liberdade, estabelece a profanação na comunidade, uma vez que a coisa sagrada estivesse limitada à esfera divina / religiosa, logo, pontua Agamben (2007, p.65): “[...] profanar, por sua vez, significava restituir ao livre uso dos homens”.

O mundo para André já estaria desvestido, sua maneira de amar as coisas mundanas o conduz por uma via contrária a ordem instaurada, carregando assim o estigma de uma cicatriz - o da profanação. Acredita que na família ele amou intensamente, nesse sentido o desejo de desvestir os corpos nada mais era que uma forma de defesa contra a incômoda vestimenta que o pai impunha à família. À vista disso, declarava sua vontade de re-estabelecer uma consagração dos corpos, o que culminaria com o incesto. Segundo Perrone-Moisés (1996, p. 62) “o corpo reclama seus direitos e exerce-os contra todas as leis [...]. O incesto contraria os preceitos sagrados em que se apóia a lei paterna [...]”.

Consentir a sexualidade dentro das divisas da lavoura era um ato profanador. Esse sentimento de André desvirtua a imagem da sagrada família ao acreditar que o amor poderia ser consolidado dentro da própria casa. Esse desejo interdito pode ser constituído segundo Foucault (1988) como um dispositivo (de poder) do qual André se apropria e abala a estrutura da comunidade familiar. Em consonância com o pensamento de Foucault (1988, p. 146) o “[...] dispositivo de sexualidade suscitou um dos princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo - desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-los, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade”. Diante disso a consumação do sexo pode ser interpretada como uma forma de poder que põe em jogo o profano e o sagrado no paraíso da família. Vejamos uma passagem dos sermões do pai:

[...] o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara de nossa casa, que cubra e esconda de nossos olhos as trevas que ardem do outro lado; e nenhum entre nós há de transgredir esta divisa (NASSAR, 2009, p. 54).

Assim como o pai, André idealiza um refúgio no espaço da fazenda mas seu desejo compulsivo de (des) união, por meio dos laços consanguíneos, tem como centro a paixão por Ana - sua irmã -, o que confronta os princípios da doutrina patriarcal e inclina-se para desenlaces trágicos, atingindo a catarse. De acordo com Agamben (2007, p. 42), há “crua-

mente uma intenção paródica” que visa “confundir e tornar durável indiscernível o umbral que separa o sagrado e o profano, o amor e a sexualidade, o sublime e o ínfimo.”

3 O PODER SOBERANO E A VIDA SACRIFICÁVEL

O princípio patriarcal de conservar o legado de uma cultura mediterrânea fechada no ciclo - amor, trabalho e tempo - não permitia qualquer desvio da norma. Assim, a tradição, segundo Arendt (2013, p. 166), “preservava o passado legando de uma geração a outra o testemunho dos antepassados que inicialmente presenciaram e criaram a sagrada fundação e, depois, a engrandeceram por sua autoridade no transcurso dos séculos”. O rigor fundado nessa comunidade patriarcal faz do pai a referência da autoridade que se confirma sempre à mesa dos sermões, na qual estão definidos os lugares de cada membro da família, como se vê no excerto:

Eram estes nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda vinha a mãe, em seguida eu, Ana, e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse [...] um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família (NASSAR, 2009, p. 154).

As reuniões sagradas à mesa na hora das refeições legitimavam o poder do pai. Ao redor, os lugares demarcados indicavam uma união aparente, à direita do pai, aqueles que representavam a virtuosidade; à esquerda, os que se rebelariam contra a norma estabelecida. É na simbólica mesa dos sermões que as normas são confirmadas por meio das palavras austeras proferidas pelo pai, sentado sempre à cabeceira em uma posição soberana. A norma estabelecida pelo pai pode ser entendida, como uma forma de “exceção soberana” que trata,

antes de tudo, de criar e definir o próprio espaço no qual a ordem [...] pode ter valor. [...]. Não se limita em distinguir o que está dentro e o que está fora, a situação normal e o caos, mas traça entre eles um limiar (o estado de exceção) a partir do qual interno e externo entram naquelas complexas relações topológicas que tornam possível a validade do ordenamento (AGAMBEN, 2014, p. 25).

Nesse contexto, Iohána demonstra sua autoridade sobre os demais membros da casa, uma forma de soberania como sublinha Agamben (2014), em que a governabilidade é demarcada no espaço de terra que compreende os limites da fazenda, ou seja, em uma estrutura fechada, na qual a norma passa a ser uma exceção. Assim, reforça o compromisso de manter unidos os membros da casa e de promover uma integração maior, conforme reitera-

do nas palavras de Iohána, na qual estão presentes os elementos da cultura familiar árabe, no sentido de que a retidão, a união e a humildade são princípios basilares para a sustentação dos laços entre os membros da casa. Esses princípios estão articulados à família como uma comunidade (fundação) sagrada, sintetizando que:

[...] O amor, a união e o trabalho de todos [...] junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos santuários, comungada solenemente em cada dia, fazendo o nosso desjejum matinal e o nosso livro crepuscular [...] (NASSAR, 2009, p. 20).

Assim, o sacrifício dos membros da casa deveria consistir em se guardar das influências externas para que todos pudessem conviver segundo os dogmas, ou seja, segundo à exceção instaurada. A almejada união como fonte do equilíbrio da comunidade familiar e o desejo de que esta torne-se um espaço do sagrado, nada mais é que um convite à profanação. Pois, conforme destaca Agamben (2007, p. 71): “Onde o sacrifício marcava a passagem do profano ao sagrado e do sagrado ao profano, está agora um único, multiforme e incessante processo de separação [...]”.

Enquanto o pai representa o edifício sólido da lavoura, André se apresenta como uma semente da discórdia que germinou no solo sagrado da fazenda como uma planta enferma, infértil, que por um lado paralisa a evolução do ciclo da terra, e por outro projeta-se contra o estado de exceção da comunidade. Com esse sentimento crescente de ruptura, André interfere na doutrina de união e equilíbrio da comunidade: “[...] ‘quanto mais estruturada, mais violento o baque, a força e a alegria de uma família assim podem desaparecer com um único golpe’ [...]” (NASSAR, 2009, p. 26). Essa postura de André deixa uma cicatriz no terreno da comunidade, onde habita como um elemento anômalo e profana os valores familiares.

À estas relações desenvolvidas na comunidade familiar pode ser estabelecido um nexo entre o biopolítico e o imunitário (ESPOSITO, 2011). Assim, o pai como soberano aponta medidas protetivas cujas orientações podem ser vistas como uma forma de imunizar os filhos e filhas contra suas próprias vaidades, preveni-los do que poderiam encontrar além das fronteiras da fazenda, conforme destacado neste trecho do romance:

[...] ninguém ainda em nossa casa há de dar um curso novo ao que não pode desviar, ninguém há de confundir nunca o que não pode ser confundido, [...] por isso, dobre a língua, eu já disse, nenhuma sabedoria devassa há de contaminar os modos da família! (NASSAR, 2009, p.167-168).

Como um só corpo, integrado, homogêneo. Era assim que o pai, Iohána, desejava estar junto aos membros da casa. Apesar da rigidez da norma (exceção) havia em tudo que pregava o sentimento de bondade e o desejo de que prevalecesse, entre os filhos, a tradição. Nesse ínterim, os sermões podem ser entendidos também como um dispositivo que visa regular, conduzir os corpos dentro de uma esfera de controle na qual, segundo Foucault (2006), inscreve-se um jogo de poder. Uma forma disciplinar que pode ser vista a partir da demarca-

ção dos lugares à mesa das refeições, evidenciando uma maneira de regular os membros ao corpo maior, a família. Assim, os da direita, iniciando por Pedro são uma representação dos que obedecem e cumpre as leis, respeitam a tradição; e, contrário a esses, à esquerda, estão André e seus irmãos mais novos, os que fazem parte do corpo enfermo, doentio, os que não adequam-se aos costumes patriarcais: “[...] só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência,[...], é preservando sua união que cada um em casa há de fruir as mais sublimes recompensas;” (NASSAR, 2009, p. 161).

O pai representa a cultura mediterrânea, a consciência dessa origem e a conservação dessa identidade, o enunciador das leis ancestrais de sua gênese. Doutrinas e valores deveriam, na concepção do pai, seguir a hierarquia familiar, que se iniciou com o avô e teria em Pedro, filho mais velho, a continuidade. De modo que formariam três gerações: a do avô, cuja moral é validade por sua memória; a do pai, Iohána, que figura a sequência de valores pré-estabelecidos, conduz a comunidade sob sua autoridade e imposição da norma. Outrossim, a última geração, representada pelo irmão mais velho, Pedro, é a que propaga a legitimação de um padrão absolutista.

Contudo, a doutrina imigrante já apresentava os sinais de fissura. A tradição árabe não estava com mesma inteireza de quando o avô conduzia, o qual com palavras breves conseguia sintetizar a cultura e o corpo da família na força do termo “Maktub” (está escrito), possuía “O peito de madeira debaixo de um algodão grosso e limpo” (NASSAR, 2009, p. 60). Embora Iohána assumisse essa rigidez como seu pai, não possuía a mesma sensatez, e por meio de uma postura austera contribuiu para a divisão da família logo na infância. Desse modo, a suposta harmonia estabelecida com a soberania de Iohána é perturbada por André, que provoca e confronta a autoridade incidindo em *hybris*.⁴

Apesar da tradição libanesa, sustentada pelo hibridismo das leis religiosas: mulçumana e cristã, concorde que o homem deve exercer o poder sobre a mulher e seus filhos e filhas, ou seja, em *Lavoura arcaica* essa cultura ganha novas proporções sendo marcada pelo poder soberano que faz dessa tradição (norma) o estado de exceção, interditando os desejos dos filhos, no espaço restrito à comunidade patriarcal, onde a paixão brotou logo na infância - com o incesto dos filhos: André e Ana. Assim, o patriarca é considerado o chefe político, religioso, e juiz, o que coaduna, conforme Ribeiro (2002), com o *pater familias* (antigo Direito romano) que impunha as penalidades e exercia o chamado direito de vida e morte sobre todos os membros de sua comunidade. Em conformidade com o pensamento de Foucault, em *Vontade de Saber*:

Por muito tempo, um dos privilégios característicos do poder soberano fora o direito de vida e de morte. sem dúvida ele deriva formalmente da velha patria potestas que concedia ao pai de família romano o direito de “dispor” da vida de seus filhos [...]: podia retirar-lhes a vida, já que a tinha “dado” [...] (FOUCAULT, 1988, p. 127).

4 Termo grego que significa o crime de excesso à ordem estabelecida. A *hybris* revela um sentimento de arrogância, de soberba e de orgulho, que leva os heróis da tragédia à insubmissão e à violação das leis dos deuses, da pólis (cidade), da família ou da natureza;(CÁNOVAS, 2014);

A figura do patriarca era o centro do núcleo familiar, e sobre esta exercia seu poder de forma despótica. Ao manter a ordem, mantinha também um discurso racional, sacro, como uma figura que também pode salvar, nesse sentido Agamben (2014, p.85) pontua que “o espaço da soberania ter-se-ia constituído, portanto, através de uma dupla exceção, como uma excrescência do profano no religioso e do religioso no profano, que configura uma zona de indiferença entre o sacrifício e o homicídio”. Esse caráter duplo reflete no estado natural da comunidade familiar, e reserva ao soberano “uma vida humana matável e insacrificável: o *homo sacer*” (Agamben, 2014, p. 85. grifos do autor). O ordenado mundo do pai traz um conflito pungente, cuja bipolaridade promove uma ação trágica.

André, a pulsão do desejo, causa uma cisão interna na comunidade, pois não acreditava na possibilidade de união conforme os pressupostos da lei do pai. O retorno, ao invés de ser conciliador, motivara novos confrontos e o resultado desse enfrentamento foi um desenlace trágico. Assim, a festa de comemoração do regresso do filho arredio é o instante de revelações angustiantes, em que estariam envolvidos os excessos da mente do corpo numa trama fatal:

Ana [...] surgiu impaciente numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue (que assimetria mais provocadora!), toda ela ostentando um deboche exuberante, [...] a gargantilha de veludo roxo apertando-lhe o pescoço, um pano murcho caindo feito flor da fresta escancarada dos seios, pulseiras nos braços, anéis nos dedos [...] (NASSAR, 2009, p.186).

O amor dos filhos havia causado a desgraça na família. Nesta cena, a luxúria de Ana deslizando feito uma serpente com os movimentos sinuosos coberta de quinquilharias, reflete o incêndio da profanação de uma união maior, a do corpo sacro. A família não poderia escapar da *hybris* desse destino. Nesse instante foi consolidado o “está escrito!”, “e, para cumprir-se a trama do seu concerto, o tempo, jogando com requinte, travou os ponteiros” (NASSAR, 2009, p. 192), a vida se tornou sacrificável:

[...] era o próprio patriarca, ferido nos seus preceitos, que fora possuído de cólera divina (pobre pai... pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!), e do silêncio fúnebre que desabara atrás daquele gesto, surgiu primeiro, como de parto, um vagido primitivo... onde a nossa segurança? Onde nossa proteção?... onde a união da família?... e vi a mãe, perdida no seu juízo, [...] Iohána! ..., a mãe passou a carpir em sua própria língua, puxando um lamento milenar que corre ainda hoje a costa do Mediterrâneo: tinha cal, tinha sal, tinha naquele verbo áspero a dor arenosa do desespero [...] (NASSAR, 2009, p. 192-194).

Um destino sombrio recai sobre a família, Ana afronta e desperta o instinto do soberano, o qual dominado pela ira, no impulso dos sentimentos desferiu o golpe fatal. Ana trazia no próprio nome o termo “origem” (significação do hebraico), nesse sentido, o pai, extinguindo a própria filha, também se extingue simbolicamente. Contudo, a destruição

da semente (origem) do mal - do germe da profanação - figura a salvação da comunidade. Nesta esfera, a decisão soberana faz jus a lei no estado de exceção e no exercício do poder legítimo sacrifica a vida nua, e assume a condição de *homo sacer*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Lavoura Arcaica* pode ser visualizado como um espaço de profanações em que se instauram os desejos escondidos da tenra infância. Uma esfera paradoxal do humano, na qual estão envolvidos os sentimentos convulsivos de (des) união dentro do mesmo corpo da família. Procuramos discutir neste estudo sobre os aspectos que perpassam uma comunidade formada por estruturas fechadas, em cujo núcleo o pai encontra-se em uma posição de soberania, sustentando uma tradição mediterrânea herdada de seus ancestrais.

Nesse sentido, a dominação que se mantém operante é confrontada por um sentimento de liberdade e transgressão. Portanto, ao refletimos a respeito dos desdobramentos da norma instituída pelo patriarca, Iohána, evidenciamos uma doutrina motivadora de conflitos por meio dos ditames arcaicos, o que determinou a tensão e a crise geradoras da trama, em que de um lado está o poder soberano e do outro, a postura subversiva e profanadora de André. O desfecho trágico provocado pelos extremos da lei patriarcal deixou um lamento milenar, e ao mesmo tempo transferiu a *hybris* para o pai, revelando em sua autoridade o poder sobre a vida da comunidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a Vida Nua I*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Série Debates.

CÁNOVAS, Suzana Yolanda Machada. "As origens da tragédia grega" (Prefácio). In. SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. de Sueli Maria Regino. São Paulo: Martin Claret, 2014.

ESPOSITO, R. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

ESPOSITO, R. *Bíos: Biopolítica y filosofía*. Buenos Aires: Amorrortu, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: editora Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: estratégia, poder e saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2ª ed.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

NALLI, Marcos. *Communitas/Inmunitas*: a releitura de Roberto Esposito da biopolítica. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 79-105, jul./dez. 2013

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3ª ed. Revisada pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Da cólera ao silêncio*. In: *Cadernos de Literatura* nº 2. Raduan Nassar. Instituto Moreira Salles. São Paulo: 1996.

RIBEIRO, Simone Clós Cesar. As inovações constitucionais no Direito de Família. *Revista Jus Navigandi*, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 7, n. 58, 1 ago. 2002. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/3192>>. Acesso em: 23 out. 2017.

SARMENTO, Rosemari. À esquerda do pai: contexto cultural, embate e tragédia em *Lavoura Arcaica*. *Revista Litteris -Literatura* Novembro de 2010 Número 6. UFRGS, Caxias do Sul, Brasil.

